LICIÊ HUNSCHE

carbona
centro de arte

rua Dona Laura, 204 - fone: (0512) 22-0699
Moinhos de Vento, Porto Alegre, RS

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo
Departamento de Cultura

Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Rua Sete de Setembro, 1010 - Praça da Alfândega, Porto Alegre, RS
Horário de funcionamento:
de terças a domingos das 10 às 17 horas.

LICIÊ Hunsche — textura
Detalhe da tapeçaria Bicos Verdes, 1.40 x 1.90, 1981.

LICIÊ HUNSCHE
tapeçarias

de 5 a 30 de novembro de 1981
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL
rua Sete de Setembro, 1010 - Praça da Alfândega
Porto Alegre, RS.

Uma questão de afinidades.

A Jardim Itália e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul tem uma coisa em comum: ambos apresentam obras de arte. É só dar uma olhadinha nos automóveis Alfa Romeo ou FIAT e constatar isto. Quem visita o MARGS, também tem que visitar a Jardim Itália para ver as maravilhas lá expostas.

Jardim Itália / FIAT

Protásio Alves, 7272 - Porto Alegre
Fones: 31.8833, 31.8500, 31.8298, 31.8740, 31.8761, 31.8398, 31.8332 e 34.1721.

Trabalharam na execução deste catálogo: criação e diagramação: Milton Couto; seleções e fotolitos em cores: João Benfatto — Fotolito Cromo 3; composição e montagem: Ademar Estevam Antunes — Livraria e Editora Pallotti; fotolitos em preto e branco, impressão e acabamento: Livraria e Editora Pallotti.

Inconscientemente o ciclo da natureza tem orientado a carreira de Liciê Hunsche. Desde a utilização de materiais escolhidos até o resultado final, ela demonstra um grande envolvimento pelo natural/artesanal. Esse interesse originou inúmeras pesquisas, a mais recente, em torno do tingimento de lãs utilizando produtos de nossa flora, na obtenção de um trabalho mais instigante.

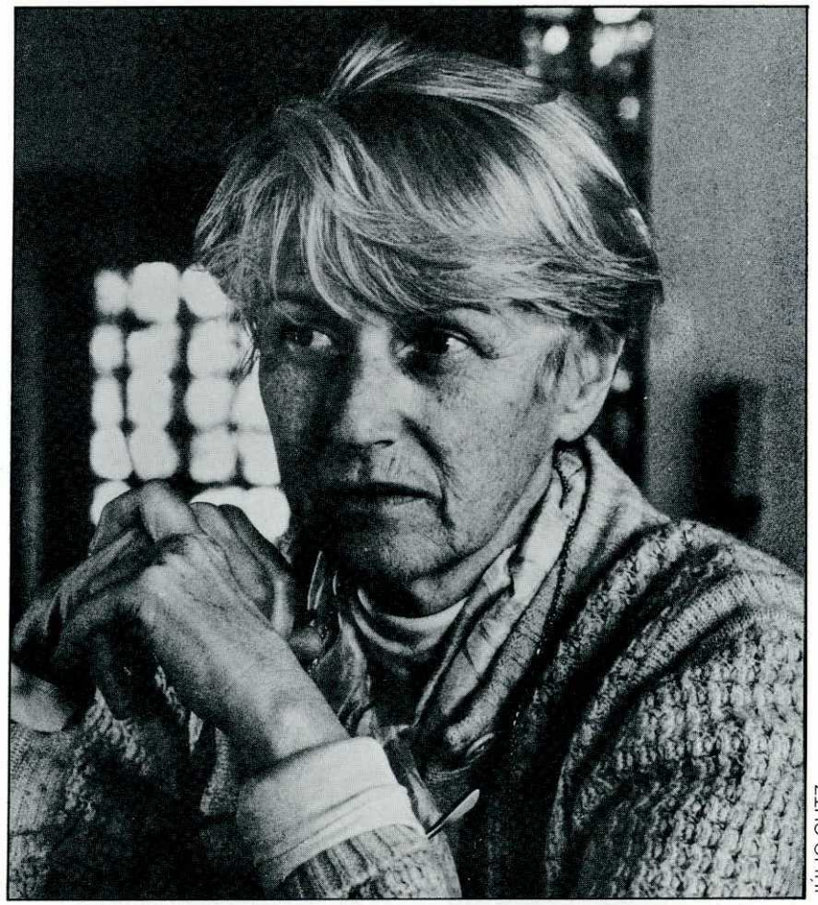
Trocando o químico pelo tingimento natural, Liciê torna seu processo de criação mais envolvente, principalmente no uso da cor, sempre desenvolvido com muita sensibilidade. O fascínio maior de seus tapetes reside no toque artesanal, onde cada fio contribui na obtenção de uma nova textura, explorando a mesma cor em seus mais variados matizes, criando relevos, sombras, volumes, fazendo brotar algo que estimula ao tato e a imaginação ao mesmo tempo que mantém um salutar clima de mistério.

Liciê joga com o permanente contraste entre cheio/vazio, brilhante/opaco, luz/sombra, que existe na natu-

reza como forças antagônicas. Em suas tapeçarias, estes contrastes são responsáveis pelo equilíbrio, harmonia e eloqüência de sua obra. As tiras e meadas de sua exposição anterior, evoluem agora para cores mais vivas, mas fiel ao princípio monocromático que orienta sua trajetória, iniciada há dez anos.

Jogando com o verde, azul e tons terrosos, em suas mais variadas tonalidades, tendo como materiais a lã e o sizal, ela cria tapeçarias que se destacam pela tridimensionalidade e pelo aspecto tátil, tendendo a monumentabilidade, mesmo quando em pequenas dimensões. Utilizando texturas diversas, Liciê lida com os volumes, projetando do fundo aquilo que denomina "bicos", originados das tiras. São como brotos que nascem da tecelagem, harmonicamente organizados, oferecendo ao espectador efeitos ricos e variados que sensibilizam pela criatividade.

Décio Presser, Porto Alegre, 1981.



JÚLIO CUTZ

Liciê Hunsche

Nasceu em Porto Alegre, Brasil, em 1924. Reside em Porto Alegre, RS.

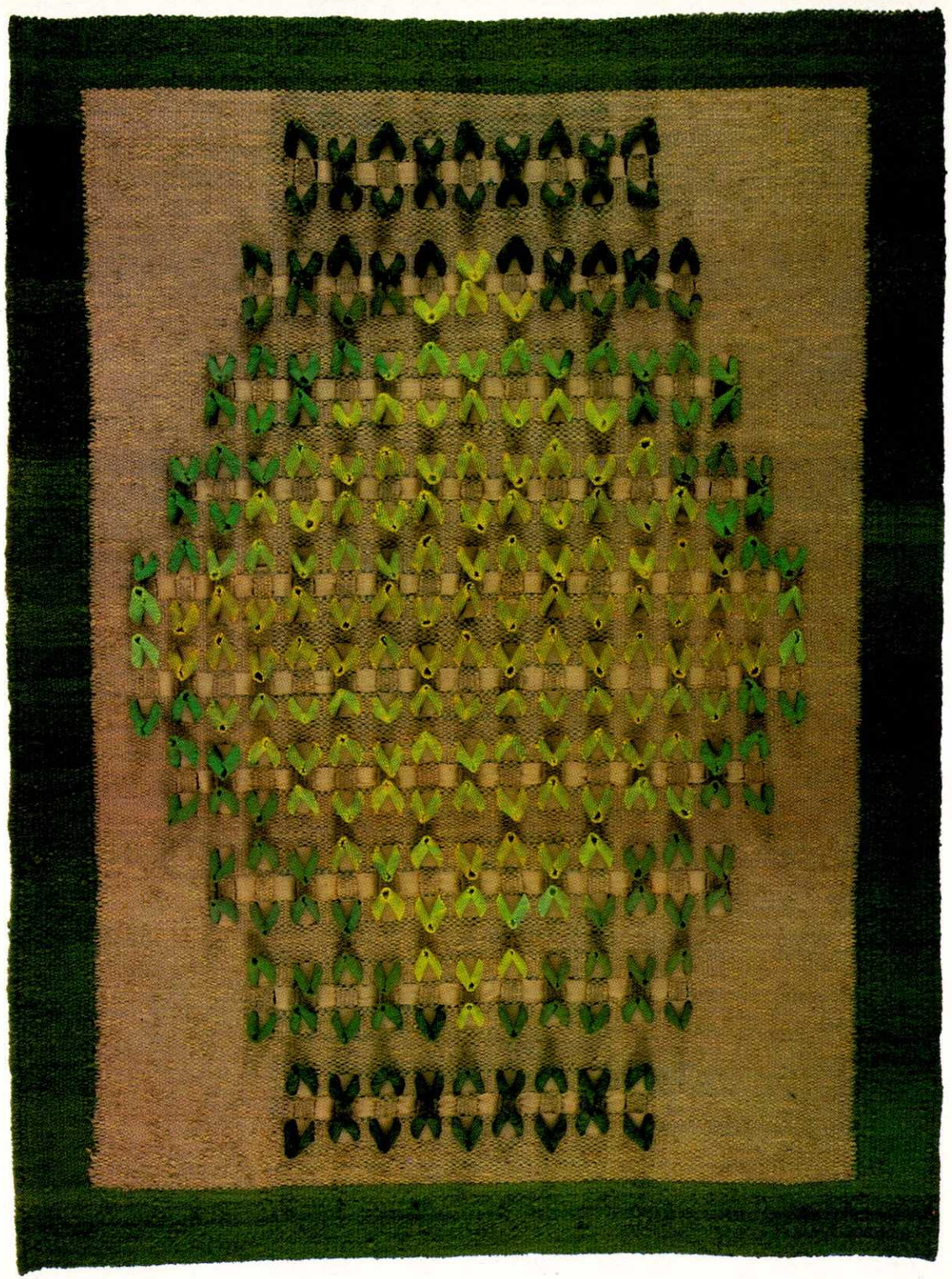
1971 faz curso de Tapeçaria com Zorávia Bettiol.

1971 Coletiva de alunos do Curso de Tapeçaria de Zorávia Bettiol, Porto Alegre, RS. 1972 Salão de Arte da Olimpíada do Exército, Hall de Cristal da Assembléia Legislativa, Porto Alegre; coletiva Mos-

tra de Arte, 1º Congresso de Cibernética, Galeria Oca, Porto Alegre, RS. 1973 II Salão de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS; V Salão Nacional de Arte, Prefeitura Municipal, Belo Horizonte, MG; individual na Galeria Oca, Porto Alegre, RS. 1974 Coletiva de Arte, Punta del Este, Uruguai; VI Salão de Verão do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ; VII Salão de Arte Contemporânea, Santo André, SP; individual na Galeria Vernissage, Rio de Janeiro, RJ; ExpoArte, Colégio Farroupilha, Porto Alegre, RS; I Mostra Brasileira de Tapeçaria, São Paulo, SP. 1975 I Mostra de Tapeçaria Gaúcha, Porto Alegre, RS; coletiva na Galeria Contorno, Rio de Janeiro, RJ; III Salão de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS - Prêmio Aquisição. 1976 Individual na Galeria Eucatexpo, Porto Alegre, RS; Individual na Galeria Eucatexpo, Rio de Janeiro, RJ. 1977 I Encontro Argentino-Uruguai-Brasileiro de Tapeçaria, Buenos Aires, Argentina; IV Salão de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 1978 Individual no Centro de Artes da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS; Diversos Caminhos da Tapeçaria Brasileira, Galeria Funarte, Rio de Janeiro, RJ. 1979 II Trienal de Tapeçaria, Museu de Arte Moderna, São Paulo, SP — 1º Prêmio. 1980 Individual na Cambona Centro de Arte, Porto Alegre, RS; IV Salão de Artes Plásticas do Noroeste, Penápolis, SP. 1981 I Mostra do Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea, Centro Municipal de Cultura, Porto Alegre, RS; Mostra do Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea, Galeria Bafisud, São Paulo, SP; Mostra do Centro Gaúcho de Tapeçaria Contemporânea, Galeria Sombra, Rio de Janeiro, RJ; Exposição Internacional de Téxteis, Linz, Áustria.

Bibliografia: Geraldo Edson de ANDRADE — Aspectos da Tapeçaria; Brasileira; Edições Funarte, Rio de Janeiro, 1978.

Reprodução: Liciê Hunsche, Bicos Verdes, 1.40 x 1.90, 1981



LICIÊ HUNSCHE

OBRAS EXPOSTAS

Bicos azuis	1.60 x 0.80	1980
Bicos verdes	1.40 x 1.90	1981
Moldando tiras IVB	3.20 x 1.00	1979
Petróleo	1.35 x 1.05	1981
Triângulos azuis	1.20 x 1.29	1981
Tapete lilás	1.48 x 1.20	1981
Vermelhinho	0.60 x 0.60	1981

JACQUES DOUCHEZ

OBRAS EXPOSTAS

Alienor	1.60 x 1.22	1980
Azulão	1.95 x 1.40	1980
Castella	1.70 x 2.15	1979
Habanera	1.73 x 1.47	1979
Rosa Azul	1.95 x 1.35	1978
Scheherazade	1.50 x 0.95	1980
Trigal	1.74 x 1.38	1980
Vermont	1.56 x 1.62	1978

Artes e Letras, Montevidéu, Uruguai. 1965 Individual na Galeria Cândido Portinari, Lima, Peru. 1966 Individual no Museu de Arte Moderna, Cidade do México, México; coletiva A Arte Brasileira, Galeria Jensen, Paris. 1967 Bienal de Punta del Este, Punta del Este, Uruguai; individual na Galeria Cândido Portinari, Lima, Peru. 1968 Individual na Galeria Bonino, Rio de Janeiro, RJ. 1969 Panorama da Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna, São Paulo, SP. 1970 Individual no Palácio de Belas Artes, Cidade do México, México; Expo 70, Osaka, Japão. 1971 Coletiva na Galeria da Organização dos Estados Americanos, Washington, USA: XI Bienal de São Paulo, SP — Sala Especial; Prêmio Governador do Estado, São Paulo, SP — 1º Lugar, Tapeçaria. 1972 Bienal de Medellin, Medellin, Colômbia. 1973 Individual no Museu de Arte de São Paulo, São Paulo, SP — Melhor Exposição do Ano, Associação dos Críticos de Arte do Estado de São Paulo. 1974 Individual na Fundação Gulbenkian, Lisboa, Portugal; 1º Mostra de Tapeçaria de São Paulo, SP — organizador junto com Norberto Nicola. 1975 7ª Bienal de Tapeçaria de Lausanne, Suíça; C.R.E.A., Paris, França; Primeiro Encontro de Tapeçaria Uruguaio-Brasileiro, Montevideo, Uruguai. 1976 I Trienal de Tapeçaria de São Paulo, São Paulo, SP — 1º Prêmio. 1977 Fiberworks, Cleveland, USA. 1978 Individual na Galeria Praxis, Buenos Aires, Argentina. 1979 II Trienal de Tapeçaria de São Paulo, SP. 1980 Coletiva Quatro Artistas Brasileiros, junto com Arcângelo Ianelli, Aldemir Martins e Norberto Nicola, Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, SP; Quatro Artistas do Brasil, Museu Nacional de Belas Artes, Santiago, Chile; Quatro Artistas Brasileiros, Forum Cultural, Bonn, Alemanha; Quatro Artistas Brasileiros, Retiro da Bayer AG, Leverkusen, Alemanha; Quatro Artistas Brasileiros, Museu Gulbenkian, Lisboa, Portugal; Quatro Artistas Brasileiros, Associação Comercial do Porto, Porto, Portugal; Quatro Artistas Brasileiros, Edifício do Parlamento, Stuttgart, Alemanha; Quatro Artistas Brasileiros, Memorial Hoechst, Frankfurt, Alemanha.

Bibliografia: Geraldo Edson de ANDRADE — Aspectos da Tapeçaria Brasileira; Edições Funarte, Rio de Janeiro, 1978. Pietro Maria BARDI — Profile of New Brasilian Art; São Paulo, 1971. Shirley E. HELD — Weaving a Handbook of the Fiber Arts; Holt Rinehart and Winston, New York, 1978. Madeleine JARRY — La Tapisserie — Art du XXº Siècle; Paris, 1979. J. JOBÉ — Le Grand Livre de la Tapisserie; Edita, Lausanne, 1965.

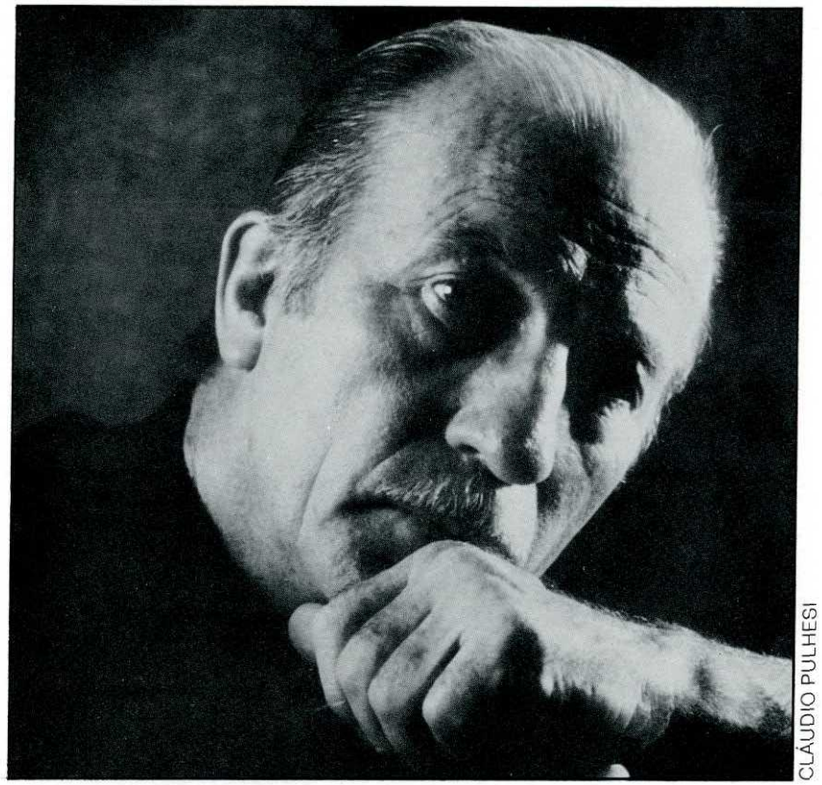
Reprodução: Jacques Douchez, Azulão, 1.95 x 1.40, 1980

sibilidade com o rigor e a ciência de uma alta cultura artística. O seu lugar está definitivamente assegurado, pois é o inventor de formas culturais capazes de se oferecer como modelo de uma proposta estética.

O vigor de seu trabalho está justamente na forte ligação entre rigor e a composição estruturada, verdadeiro rigor construtivista, com a sua percepção da sensualidade. A união entre Logos e Eros. A sua tapeçaria atinge uma grande dose de rigor e controle no desenvolvimento da forma. E, paradoxalmente, a sua tapeçaria atinge os sentidos, penetra e se desenvolve na capacidade do homem de sentir sensualmente a forma. Esta dupla característica, esta união de orientações aparentemente inconciliáveis, faz da produção de Jacques Douchez um modelo único. Adotando as formas informais ele as torna objetos de prazer duplo: o intelectual e o sensual. Mais uma vez, em uma nova lição, comprova-se que eles podem ser um só prazer. Douchez, através de suas formas tecidas, estes objetos que se impõem ao nosso olhar, refaz o caminho de muitos mestres que versaram sobre a unicidade do prazer e da compreensão.

As formas de Jacques Douchez são entrelaçadas, tecidos que se dobram e interpenetram, construções arquitetônicas, cores harmonizadas, entonadas e suavemente contrastantes. Não se encontra nesta tapeçaria o gesto brusco, a revelação brusca. Aqui o conhecimento e a visita se dão de maneira discreta e delicada. Um passeio através desta tapeçaria e através de nós mesmos. A descoberta da forma tecida e dos meandros de nossa sensibilidade, feita à semelhança destas formas culturais. Esta é sempre uma das funções essenciais da arte, a de redescobrir e redefinir a sensibilidade de seu público e de sua época.

Jacob Klintowitz, São Paulo, 1981.



CLÁUDIO PULHESI

Jacques Douchez

Nasceu em Mâcon, França em 1921. Vive no Brasil desde 1947. Reside em São Paulo, SP.

1952 - 1957 integra o "Atelier Abstração" dirigido pelo pintor Sanson Flexor. 1957 cria com Norberto Nicola o Atelier Douchez-Nicola de tapeçaria.

1961 Individual no Museu de Arte Moderna, Belo Horizonte, MG. 1962 Individual no Art Center, Lima, Peru. 1963 Individual no Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, RJ; individual no Centro de

Uma questão de afinidades.

A Jardim Itália e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul tem uma coisa em comum: ambos apresentam obras de arte. É só dar uma olhadinha nos automóveis Alfa Romeo ou FIAT e constatar isto. Quem visita o MARGS, também tem que visitar a Jardim Itália para ver as maravilhas lá expostas.

Jardim Itália / FIAT

Protásio Alves, 7272 - Porto Alegre
Fones: 31.8833, 31.8500, 31.8298, 31.8740, 31.8761, 31.8398, 31.8332 e 34.1721.

Trabalharam na execução deste catálogo: criação e diagramação: Milton Couto; seleções e fotolitos em cores: João Benfatto — Fotolito Cromo 3; composição e montagem: Ademar Estevam Antunes — Livraria e Editora Pallotti; fotolitos em preto e branco, impressão e acabamento: Livraria e Editora Pallotti.

São como flores silvestres num bem cuidado jardim inglês estes sinais que aparecem e desaparecem, que nos envolvem, que assinalam a sua presença e anunciam, à sua maneira imprecisa e assimétrica, o surgimento de um novo mundo e o aparecimento de uma sensibilidade diferente, o nascimento de um novo homem, distante do modelo cartesiano e, finalmente, positivista. Talvez, nem seja o aparecimento de uma nova personalidade mas, como querem tantos, seja apenas o renascimento do velho homem, soterrado durante muitos séculos pelos Logos. Agora é a vez de Eros. Manchetes, títulos, imagens, textos, atuações, são sinais de uma discussão que surge. O homem recupera a sua sensorialidade, torna-se mais uno com o seu corpo, as suas intuições, as emoções e pressente com mais facilidade os sutis caminhos de sua própria humanidade. Presume-se um homem que se abre para si mesmo e encontra novas forças dentro de si. Hoje fala-se em energia, corpo, sensibilidade, intuição, sensorialidade, percepção. É neste contexto que a tapeçaria recupera-se, igualmente, como uma nova proposta estético-humanística. Recupera-se, note-se, pela segunda vez. A primeira, quando o tecido foi utilizado para cobertas de mesas, panos de parede, ilustração de imagens, histórias para pendurar. Art déco, art nouveau, Lurçat. O tapete desprezado enquanto aristocrático, voltava na leva dos novos objetos. A segunda recuperação foi mais recente. A tapeçaria foi recuperada como objeto de arte capaz de expressar a nova sensibilidade. É quando entram novas reflexões, artistas poloneses, tchecos e brasileiros. No Brasil, este ressurgimento assinala-se com a presença de dois artistas brilhantes, Jacques Douchez e Norberto Nicola. A tapeçaria como forma tecida, sensível ao tátil, ao olhar, à sensualidade do espectador-fruidor. Douchez é o artista que une esta sensorialidade, este emergir e despertar da sen-

cambona
centro de arte

rua Dona Laura, 204 - fone: (0512) 22-0699
Moinhos de Vento, Porto Alegre, RS

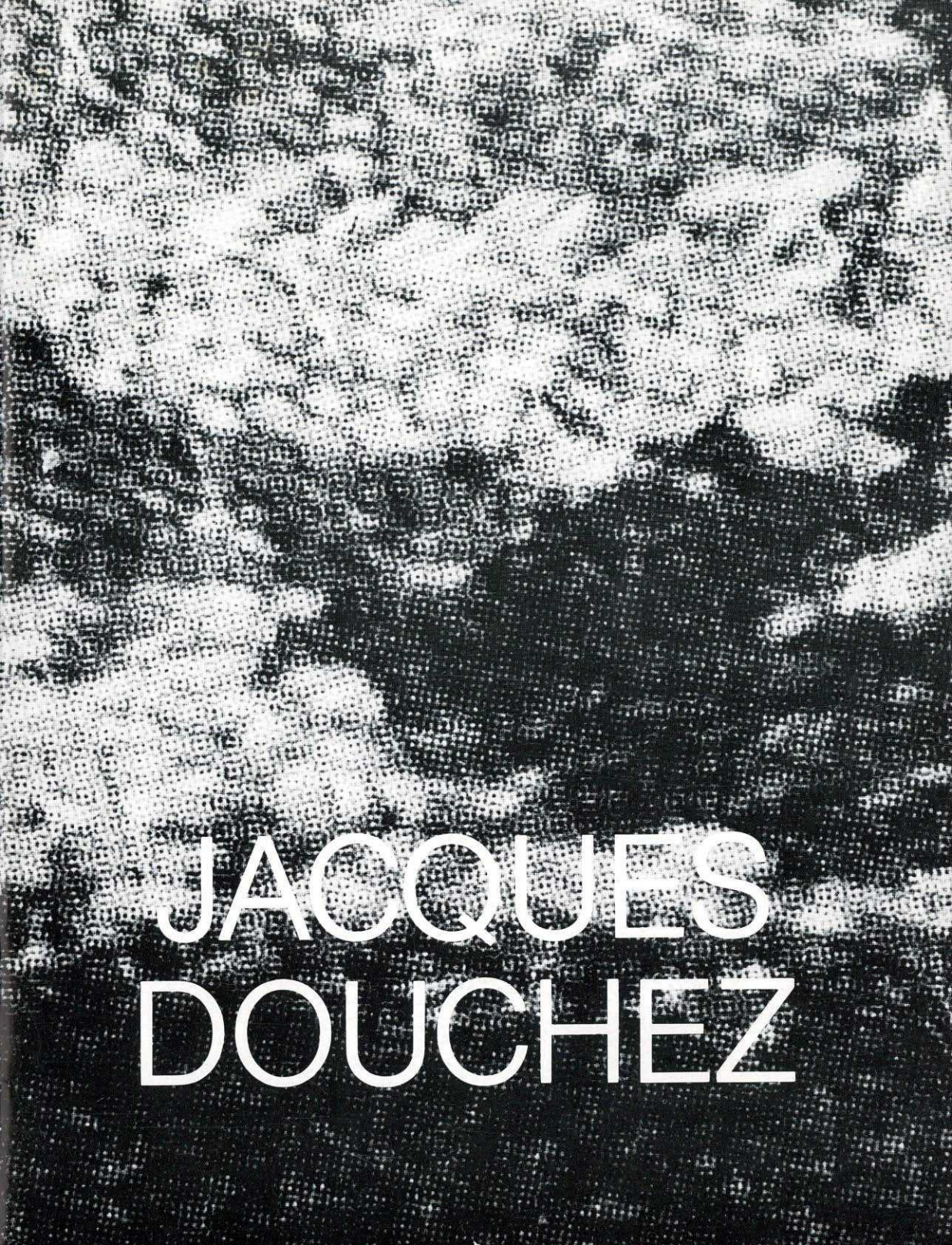
Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo
Departamento de Cultura

Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Rua Sete de Setembro, 1010 - Praça da Alfândega, Porto Alegre, RS
Horário de funcionamento:
de terças a domingos das 10 às 17 horas.

Jacques DOUCHEZ — textura
Detalhe da tapeçaria Azulão, 1.95 x 1.40, 1980.

JACQUES DOUCHEZ
tapeçaria

de 5 a 30 de novembro de 1981
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL
Rua Sete de Setembro, 1010 — Praça da Alfândega
Porto Alegre, RS


JACQUES
DOUCHEZ